

## A IMPORTÂNCIA DA ANÁLISE QUALITATIVA EM ESTUDO SOBRE ACOMODAÇÃO DIALETAL<sup>1</sup>

*Lucas Possatti*

Este capítulo tem o intuito de versar sobre a contribuição da análise de cunho qualitativo nas pesquisas de sociolinguística, ou mais especificamente na pesquisa de acomodação dialetal de cariocas em João Pessoa que realizei como dissertação de mestrado. Veremos os resultados e a metodologia da pesquisa e daremos atenção especial aos fatores “identidade” e “atitude”. Tais fatores requerem uma análise qualitativa atenta para serem interpretados, pois carregam muita informação em suas entrelinhas. Esses aspectos de cunho mais qualitativo serão o foco de observação deste capítulo.

Esse trabalho envolvendo acomodação dialetal se encaixa nos pressupostos teóricos da Teoria da Acomodação da Comunicação (Giles; Coupland; Coupland, 1991) e nos aportes teórico-metodológicos da Teoria da Variação Linguística (Labov, 1966, 2008 [1972]). Tem como objetivo geral observar e analisar a acomodação dialetal de cariocas residentes na cidade de João Pessoa a partir da investigação do fenômeno da palatalização ou não palatalização da fricativa coronal /s/ em

---

<sup>1</sup> Este capítulo apresenta alguns resultados da minha dissertação de mestrado *Acomodação dialetal de cariocas residentes em João Pessoa: uma análise sociolinguística* (Possatti, 2020). A pesquisa foi orientada pelo Prof. Dr. Rubens Marques de Lucena, no Programa de Pós-Graduação em Linguística, na UFPB.

posição de coda final. No dialeto pessoense, essa fricativa em coda final tem uma pronúncia alveolar ([s], [z]), enquanto no dialeto carioca ela tem uma pronúncia palatal ([ʃ], [ʒ]).

Procuramos verificar se ocorre o processo de convergência (não-palatalização do /s/) na fala dos informantes, assim como detectar as variáveis linguísticas e extralinguísticas que exerceram, de alguma forma, pressão no processo de acomodação. Além disso, buscamos observar e descrever as diferentes atitudes linguísticas dos falantes.

O corpus da pesquisa foi composto por 16 informantes naturais da cidade de Rio de Janeiro que moram na cidade de João Pessoa há pelo menos um ano e têm, no mínimo, 18 anos de idade. Estes foram estratificados de acordo com sexo, faixa etária e tempo de exposição. Os dados foram coletados em forma de entrevistas, por meio da utilização de um gravador digital, e, para a análise quantitativa, foram codificados e posteriormente analisados com o auxílio do programa estatístico Goldvarb X (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005). A partir disso, foi realizada uma análise qualitativa que buscou observar os informantes de forma individual e comparativa.

Os resultados da pesquisa revelam a clara influência de fatores como identidade e atitudes linguísticas para o processo de acomodação linguística, sobre o qual falaremos a seguir. Em seguida discutiremos questões metodológicas e os resultados obtidos pela pesquisa de mestrado, assim como serão discutidos os fatores previamente mencionados. Por fim, versaremos sobre a importância do olhar do pesquisador na pesquisa.

## 1. A ACOMODAÇÃO LINGUÍSTICA

Ao compararmos os dialetos pessoense e carioca, é fácil notar as principais diferenças entre eles por meio dos traços mais salientes que os marcam. Nesse sentido, esta pesquisa observa o dialeto carioca (da região metropolitana do Rio de Janeiro) em contato com o dialeto pessoense (da cidade de João Pessoa).

Devido a fatores sócio-históricos e culturais, o dialeto pessoense é tido como sendo de menor prestígio quando comparado ao dialeto carioca, o qual, por sua vez, também tem pouco prestígio se comparado a outras variedades do português brasileiro (PB). Dessa forma, no processo de migração de um carioca para João Pessoa, deve haver uma resistência para que o indivíduo se aproprie do dialeto local.

A acomodação linguística ou acomodação dialetal ocorre quando um indivíduo converge ou aproxima o seu modo de falar ao de um outro indivíduo. Isso ocorre

tanto de maneira consciente quanto inconsciente e em diferentes níveis, a fim de alcançar diferentes objetivos.

Na área da Sociolinguística variacionista, há diversos estudos envolvendo acomodação linguística, embora no Brasil estas sejam mais recentes. Inclusive, pesquisas como as de Marques (2006), Martins (2008), Chacon (2012) e Lima (2013) serviram de base e inspiração para este trabalho. Todas essas pesquisas foram realizadas à luz dos pressupostos teóricos da Teoria da Acomodação da Comunicação (Giles *et al.*, 1991) e dos aportes teórico-metodológicos da Teoria da Variação Linguística (Labov, 1966, 2008 [1972]). Essa última cria uma relação entre as variações da língua e os fatores extralinguísticos, tendo como objeto de estudo a comunidade de fala. A língua, então, é observada como um sistema heterogêneo e dinâmico que está em constante mudança.

A variação linguística depende de todo o contexto social, político e cultural das comunidades de fala. Portanto, procuramos compreender quais são os fatores linguísticos e extralinguísticos que favorecem ou inibem o processo de convergência linguística, no caso dos informantes cariocas. Isso inclui os fatores de identidade e atitudes linguísticas, sendo estes observados com base nas considerações de Giles *et al.* (1991).

Ao interagirmos socialmente, em geral há uma vontade ou necessidade de demonstrar solidariedade, de ganhar aceitação, de ser compreendido, e tais desejos e necessidades são alguns dos fatores que motivam a acomodação linguística. Em 1973, Giles propõe a Teoria da Acomodação da Fala, que é o primeiro passo para a origem da Teoria da Acomodação da Comunicação. Tal teoria afirma que, para atingirmos diferentes objetivos da comunicação, realizamos ajustes na fala, conscientes ou não, adaptando-a às nossas necessidades. Diferentes indivíduos são motivados a realizar tais ajustes e acomodá-los como meio de expressar valores, atitudes e intenções para com os outros (Giles; Ryan; Sebastian, 1982).

A acomodação pode ser resultante de nossas atitudes para com nossos interlocutores e pode fazer com que estes também ajustem suas próprias atitudes e comportamentos, podendo dessa mesma forma, também acomodarem. Tais acomodações podem trazer benefícios para um ou mais falantes envolvidos.

Dentro do arcabouço da teoria proposta por Giles (1973), o autor utiliza dois termos-chave: a convergência e a divergência, os quais são importantes para a compreensão dos processos de acomodação presentes em uma dada interação. O termo convergência se refere à situação em que o falante ajusta sua fala, produzindo traços mais próximos ao falar do interlocutor. Pessoas podem convergir quando buscam por prestígio dentro de um grupo, por exemplo. A divergência,

por sua vez, refere-se à situação em que o falante reduz as semelhanças dialetais, acentuando traços que se distanciam do falar do interlocutor. Os traços ajustados podem ser os mais diversos, e isso inclui variantes fonológicas, taxa de elocução, pausas e movimentos corporais e gestuais.

Por fim, temos a manutenção, que ocorre quando não há ajustes desses traços, não havendo assim a convergência ou divergência. A manutenção pode ocorrer, por exemplo, em situações cujos interlocutores estejam em relações menos assimétricas ou quando o falante considera vantajoso usufruir do prestígio que carrega em sua fala.

Ao falar sobre a acomodação entre dialetos, Trudgill (1986) a divide em acomodações de curto prazo e acomodações de longo prazo. A primeira ocorre, de maneira consciente ou inconsciente, quando ajustes na fala são realizados no momento em que o falante os considera necessários, a depender da situação e dos participantes. Em uma situação de interação com um gaúcho, por exemplo, um pessoense pode sentir a necessidade (de maneira consciente ou não) de convergir, modificando, por exemplo, a produção do /s/ em palavras como “festa”. Nessa situação específica, sua produção passa de “fe[ʃ]ta” para “fe[s]ta”, mas, ao encerrar a interação, ele voltaria a produzir “fe[ʃ]ta”.

As acomodações de longo prazo, por outro lado, ocorrem quando o falante, com o tempo, modifica sua fala a ponto de que praticamente não se dependa mais da situação. Isto é, no entanto, resultado de prévias acomodações de curto prazo que, ao ocorrerem com frequência suficiente, acabam por se tornarem permanentes. O constante contato e a imersão com um dialeto ou uma comunidade da fala diferente facilitam e aceleram esse processo. O falante gradativamente aproxima seu modo de falar à fala local, mas isso está atrelado a diversos fatores, sejam esses linguísticos ou extralinguísticos, que podem facilitar ou dificultar o processo de acomodação.

Entre os fatores extralinguísticos, merecem atenção especial o tempo de exposição, as atitudes linguísticas e a identidade dos falantes. De acordo com os resultados obtidos em nossa pesquisa, esses fatores exercem grande influência no processo de acomodação linguística.

## **2. METODOLOGIA E RESULTADOS QUANTITATIVOS**

Para podermos observar a acomodação na fala dos informantes da pesquisa, delimitamos um contexto fonológico a ser observado, sendo este o do /s/ em posição de coda final. Esse contexto foi escolhido por marcar uma distinção clara

entre os dialetos carioca e pessoense. No dialeto carioca, a fricativa possui uma pronúncia majoritariamente palatal ([ʃ], [ʒ]), enquanto no dialeto pessoense a fricativa possui uma pronúncia predominantemente alveolar ([s], [z]). Dessa forma, a não palatalização do /s/ caracteriza uma acomodação ao dialeto pessoense. Para exemplificar tais diferenças entre os dialetos, temos:

- a) Dialeto carioca: animai[ʃ]; pessoa[ʃ]; óculo[ʃ]; ônbu[ʃ]; inglê[ʃ].
- b) Dialeto pessoense: animai[s]; pessoa[s]; óculo[s]; ônbu[s]; inglê[s].

Com todos os 16 participantes da pesquisa, foram realizadas entrevistas compostas por duas etapas, que foram gravadas com a utilização de um gravador digital. A primeira etapa consistiu em perguntas gerais envolvendo experiências de vida e interesses pessoais dos informantes (conforme a metodologia laboviana e as indicações propostas por Tagliamonte (2006)), com o intuito de fazer com que eles prestassem menos atenção à própria fala e se policiassem menos. Já a segunda etapa consistiu em perguntas específicas relacionadas às atitudes linguísticas com relação à sua própria maneira de falar e ao dialeto pessoense.

As variáveis independentes controladas foram: a) tempo de exposição; b) idade; c) sexo; d) motivação; e) contexto fonológico anterior; e f) contexto fonológico posterior. Com base nessas variáveis, os dados quantitativos foram coletados na primeira etapa da entrevista e analisados com auxílio do software Goldvarb X (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005). No Quadro 1.1, podemos visualizar como as variáveis foram estratificadas:

**Quadro 1.1** – Variáveis controladas

<b>Tempo de exposição</b>	<b>Idade</b>	<b>Sexo</b>	<b>Motivação</b>	<b>Contexto fonológico anterior</b>	<b>Contexto fonológico posterior</b>
De 1 a 5 anos	Entre 18 e 29 anos	Feminino	Vinda espontânea	Vogais anteriores	Pausa
Acima de 5 anos	A partir de 30 anos	Masculino	Vinda obrigatória	Vogal central	Consoante
--	--	--	--	Vogais posteriores	--

Fonte: elaborado pelo autor.

Todas as variáveis selecionadas como estatisticamente relevantes apresentam um peso relativo, cujo valor acima de 0.5 indica que a variável em questão favoreceu a acomodação; em contrapartida, toda variável com um peso relativo abaixo de 0.5 foi inibidora da acomodação. Entre as variáveis selecionadas, os resultados

mostraram que um tempo alto de exposição foi favorecedor à acomodação linguística, como podemos ver na Tabela 1.1:

**Tabela 1.1** – Acomodação do /s/ (não palatalização) com base na variável tempo de exposição

<b>Tempo de exposição</b>	<b>Aplicação/ Total</b>	<b>Percentual</b>	<b>Peso Relativo</b>
<b>Alto</b>	193/508	38.0%	0.74
<b>Baixo</b>	39/387	9.2%	0.22

Fonte: elaborada pelo autor.

O tempo de exposição, de acordo com Laver *et al.* (1979) e Trudgill (1998), é um fator que contribui de modo significativo para o processo de acomodação linguística. Partindo da teoria da acomodação linguística desenvolvida por Giles (1973), Trudgill (1986) argumenta que, se um falante se acomoda com frequência a um dialeto ou modo de falar, essa acomodação pode com o tempo se tornar permanente.

A variável tempo de exposição foi controlada de maneira binária, sendo estratificada em baixo (de 1 a 5 anos) e alto (acima de 5 anos). Esses números foram escolhidos pelo fato de que, como Marques (2006) constata em seu trabalho, após cinco anos de contato com um novo dialeto, surgem sinais de acomodação, que ocorre de maneira gradativa. Isso porque cinco anos seriam tempo suficiente para que os informantes consigam alguma estabilidade no local e para que tenham tido diferentes e até frequentes interações sociais, imersos no novo dialeto, o que viria a favorecer o processo de acomodação.

Os resultados corroboram a hipótese de que um maior tempo de exposição leva a uma maior ocorrência de convergência ou acomodação, uma vez que a acomodação se deu muito mais frequente no grupo de indivíduos com maior tempo de exposição. Como a disparidade entre os dois grupos é grande, entre as variáveis quantitativas, essa foi selecionada como a variável mais estatisticamente importante.

Já para a variável sexo, o grupo feminino acomodou consideravelmente mais que o grupo masculino, como ilustrado na Tabela 1.2:

**Tabela 1.2** – Acomodação do /s/ (não palatalização) com base na variável sexo

<b>Sexo</b>	<b>Aplicação/ Total</b>	<b>Percentual</b>	<b>Peso Relativo</b>
<b>Feminino</b>	169/517	32.7%	0.68
<b>Masculino</b>	63/417	15.1%	0.27

Fonte: elaborada pelo autor.

A variável sexo pode ser importante porque os papéis sociais e culturais nas diferentes sociedades, assim como as pressões sociais envolvidas, são distintos de acordo com o sexo dos indivíduos.

Dessa forma, essa variável foi selecionada como relevante e os resultados mostram que o grupo feminino acomodou consideravelmente mais do que o grupo masculino. A diferença no índice de acomodação é ampla, tendo em vista que, para os informantes de sexo feminino, o peso relativo foi de 0.68, favorecendo a acomodação, e para os informantes de sexo masculino o peso relativo foi de apenas 0.27, inibindo a acomodação.

Uma possível explicação para índices tão díspares com o favorecimento da acomodação por parte das informantes mulheres poderia ser que elas, ao tentarem se enquadrar em novos grupos sociais, passem a perceber o dialeto local como sendo valorizado e prestigiado; assim como demonstrado por Paiva (2003), a tendência é que as mulheres evitem formas desprestigiadas e utilizem mais as formas de prestígio, que nesse caso passaria a ser o dialeto pessoense. Essa explicação se torna um problema, no entanto, caso essas mulheres continuem a perceber o dialeto carioca como de maior prestígio. Com isso dito, a maioria das mulheres entrevistadas não parece expressar essa ideia.

As mulheres que mais acomodaram demonstram atitudes positivas para com o dialeto pessoense. Elas percebem em seus sotaques uma mistura entre o carioca e o pessoense e relatam gostar disso. Além disso, não demonstram vontade de voltar a morar no Rio de Janeiro, consideram as pessoas paraibanas como receptivas e acolhedoras e não demonstram muita resistência a acomodarem. Dessa forma, é possível que, no contexto no qual elas estão inseridas, o dialeto pessoense seja visto como tendo certo prestígio ou ao menos como não carregando muito estigma.

Outra possível explicação seria a de que, apesar de os grupos terem sido uniformemente estratificados de acordo com sexo, idade e tempo de exposição, as informantes mulheres que compõem o corpus desta pesquisa possuem uma média mais alta de tempo de exposição; isso explicaria por que a diferença entre os grupos feminino e masculino é tão acentuada. No entanto, um alto tempo de exposição, por si só, não implica necessariamente em acomodação.

Além dessas duas variáveis, foi selecionada como estatisticamente relevante a de contexto fonológico posterior, em que a pausa mostrou favorecer a acomodação na fala dos informantes. A Tabela 1.3 nos permite observar em que medida isso ocorreu:

**Tabela 1.3** – Acomodação do /s/ (não palatalização) com base na variável contexto fonológico posterior

<b>Contexto fonológico posterior</b>	<b>Aplicação/ Total</b>	<b>Percentual</b>	<b>Peso Relativo</b>
<b>Pausa</b>	107/317	33.8%	0.67
<b>Consoante</b>	125/617	20.3%	0.40

Fonte: elaborada pelo autor.

O que provavelmente ocorre é que, em contextos com pausa, o informante é capaz de se policiar mais com relação à variante utilizada. Nesse sentido, se há uma atitude favorável para a acomodação dialetal (como sugere nossa análise qualitativa), há espaço para a convergência. Os dados mostram claramente esse movimento: um peso relativo expressivo no sentido da acomodação dialetal em contextos de pausa.

Esse resultado ressalta a importância desse contexto para a ocorrência do fenômeno objeto de estudo e ressalta a influência de fatores linguísticos como esse para com a produção da fala.

Na Tabela 1.4 temos o índice de acomodação com base na variável idade:

**Tabela 1.4** – Acomodação do /s/ (não palatalização) com base na variável idade

<b>Idade</b>	<b>Aplicação/ Total</b>	<b>Percentual</b>	<b>Peso Relativo</b>
<b>18-29</b>	62/474	13.1%	0.44
<b>30+</b>	170/460	37.0%	0.56

Fonte: elaborada pelo autor.

O esperado era que os informantes mais novos, que entraram em contato com o dialeto pessoense em uma idade mais jovem, sofressem maior influência e facilidade para convergirem, sendo assim, a possibilidade que a convergência ocorresse seria maior nos mais jovens em contraste com os mais velhos. No entanto, os resultados obtidos apontam que o grupo de 30 ou mais anos de idade foi o que mais acomodou, com um peso relativo de 0.56, em comparação com o peso relativo de 0.44 do grupo de 18 a 29 anos.

Esperam-se menos pressões e menos mudanças na fala dos indivíduos mais velhos, mas se estes já possuem um alto tempo de exposição ao novo dialeto, tais pressões e suas consequentes mudanças já terão ocorrido. No corpus desta pesquisa, os informantes pertencentes ao grupo de maior faixa etária tinham, em média, maior tempo de exposição do que os informantes do grupo de menor



faixa etária. Essa diferença de tempo poderia explicar os resultados obtidos para a variável idade.

A partir dos dados quantitativos, obtivemos uma média geral de 24.8% de acomodação entre os 16 informantes analisados pela pesquisa. Esse número foi considerado alto, uma vez que o dialeto pessoense é tido como sendo de menor prestígio em relação ao dialeto carioca. Na Tabela 1.5, podemos observar o índice de acomodação de cada um dos informantes:

**Tabela 1.5** – Percentual de acomodação dos informantes

<b>Informante</b>	<b>Sexo</b>	<b>Idade</b>	<b>Tempo de exposição</b>	<b>Percentual de acomodação</b>
<b>1</b>	F	21	15 anos	3.6%
<b>2</b>	F	22	4 anos	9.4%
<b>3</b>	F	23	2 anos	9.0%
<b>4</b>	F	24	4 anos	6.0%
<b>5</b>	F	38	1 ano	7.2%
<b>6</b>	F	49	31 anos	100.0%
<b>7</b>	F	54	26 anos	80.6%
<b>8</b>	F	55	21 anos	39.7%
<b>9</b>	M	18	7 anos	14.1%
<b>10</b>	M	19	4 anos	1.4%
<b>11</b>	M	22	7 anos	32.8%
<b>12</b>	M	22	2 anos	52.0%
<b>13</b>	M	30	3 anos	5.6%
<b>14</b>	M	36	8 anos	6.9%
<b>15</b>	M	44	8 anos	3.3%
<b>16</b>	M	44	22 anos	100.0%

Fonte: elaborada pelo autor.

As respostas fornecidas pelos informantes para uma série de questões envolvendo questões atitudinais e identitárias foram utilizadas para a análise qualitativa. Tais respostas foram analisadas de maneira intraindividual e interindividual. Estabeleceram-se comparações das crenças e das atitudes dos informantes com as variáveis controladas (como o tempo de exposição) e o percentual de acomodação dialetal.

Os resultados demonstram especial importância dos fatores identidade e atitudes linguísticas dos indivíduos para o processo de acomodação linguística. Na seção seguinte, versaremos um pouco sobre as teorias acerca de identidade e os resultados obtidos com base nelas. Em seguida, discorreremos sobre as atitudes linguísticas, para finalmente concluirmos abordando a importância do olhar do pesquisador na pesquisa em questão.

### 3. A IDENTIDADE NO PROCESSO DE ACOMODAÇÃO

Como evidenciado em nossa pesquisa, a identidade é um fator importante para a acomodação linguística de um falante e costuma refletir em sua maneira de falar. Suas atitudes e opiniões para com certos grupos ou dialetos podem facilmente ser fatores influenciadores para sua fala quando em contato com estes. A exemplo disso, um indivíduo pode não desejar ser considerado como amigável com um determinado grupo ou como pertencente a ele e, por isso, opta por divergir da fala desse grupo. Por outro lado, se o falante deseja ganhar o apoio ou até mesmo ser reconhecido como membro desse grupo, ele provavelmente tentará convergir para a forma de falar deste.

Dessa forma, a convergência parece algo positivo para a interação, enquanto a divergência parece algo negativo. No entanto, não é assim tão simples, havendo vários fatores envolvidos no processo de interação. Vale salientar que há outro lado para a convergência, no qual ouvintes podem sentir-se ofendidos se acharem que os traços de seu dialeto podem ser facilmente convergidos ou imitados. Sendo os traços parte de sua cultura e identidade, ele pode ver a facilidade dessa convergência ou imitação como algo ruim.

Para Giles (1980), ouvintes teriam um nível de tolerância para a convergência, sendo ela aceitável e bem-vista apenas até certo nível, porém, ao passar desse nível, seria vista como algo negativo. Além disso, há um outro lado para a divergência, uma vez que a manutenção de traços divergentes, típicos de grupos ou dialetos com mais prestígio, seria bem-vista, como normalmente ocorre no Nordeste com as variedades do Sudeste, por exemplo.

Diferentes fatores sociais podem associar prestígio a determinados grupos, influenciando então as atitudes de diferentes indivíduos para com esses grupos. Um grupo que é considerado como mais relevante para a sociedade ou que mais facilmente consegue ascensão social será considerado como um bom grupo para se fazer parte, sendo, assim, mais facilmente tido como almejavél ou aceitável.

Todo dialeto possui diferentes marcadores linguísticos, que são traços específicos a uma comunidade de fala, sendo uns mais salientes que outros. Essa saliência caracteriza-se pela mudança linguística e estigmatização, causando assim um contraste e um distanciamento fonético se comparado a outros dialetos (Timberlake, 1977; Kerswill, 1985). Assim, os traços mais facilmente distinguidos são chamados de salientes e são normalmente marcadores linguísticos de uma comunidade de fala específica. Esses traços salientes são mais percebidos por alguém que não pertence à comunidade de fala.

Espera-se que os marcadores mais salientes sofram maior influência dos fatores sociais de atitude e identidade do falante no processo de convergência. Esses fatores podem favorecer ou inibir o processo de acomodação do falante. Considerando que o dialeto pessoense foi tido como de “menor prestígio” pelos informantes de nossa pesquisa (crenças expostas pelos próprios informantes entrevistados) se comparado ao dialeto carioca, é mais provável que a convergência seja de menor intensidade e frequência do que se o processo fosse o inverso.

Além disso, quando um traço é muito saliente, ele pode se tornar desconfortável para o falante acomodar, já que ele pertence a outra comunidade de fala e constitui-se como parte da identidade dessa comunidade. Por esse motivo, quando um falante adota os traços pertencentes a outra comunidade de fala, esse indivíduo está, de certa forma, abandonando sua própria identidade. Então, sabendo da importância dos diversos fatores sociais, será feita posteriormente uma análise qualitativa de cada informante.

Há também traços que são mais facilmente acomodados que outros, e, dessa forma, podemos dizer que os traços não são assimilados todos de uma vez. Além disso, há trajetórias individuais na acomodação, assim como diferentes dificuldades e restrições. Por exemplo, um falante não pode produzir um som que não faz parte de seu inventário fonético antes de adquiri-lo.

O traço saliente do dialeto carioca, escolhido como objeto de estudo de nossa pesquisa, é o /s/ palatal em posição de coda final, como em “carioca[ʃ]”. Comparado ao dialeto pessoense, que tem uma pronúncia alveolar (“carioca[s]”), tem-se uma diferença notável.

De acordo com os resultados, a identidade de origem é um fator que muitos dos informantes conscientemente desejam preservar. Inclusive, algumas das respostas dadas pelos entrevistados revelam isso, como as apresentadas a seguir:

**E (Entrevistador) – Você gostaria de falar igual aos paraibanos? Por quê?**

**I1 (Informante 1)** – “Não... Eu acredito que traz muito da sua identidade, também, isso. [...]. Acho bonito, acho interessante o sotaque daqui, algumas coisas são bem diferentes, mas não...”

**I3** – “Não. (risos) Justamente por isso, porque eu acho que o carioca tem uma identidade, entendeu? Então eu não queria perder essa identidade. Eu acho muito interessante isso. ”

**I9** – “Não, eu não gostaria. Inicialmente porque eu não acho bonito. Eu não quero ofender, mas (risos) tem uma coisa que é bonita e tem outra que não é bonita, né. Eu não acho bonito... é o primeiro fator de eu não querer ter mudado meu sotaque. Depois porque são minhas raízes [...] o Rio de Janeiro é minha origem, então eu gosto de guardar isso, entende? Apesar de eu ter passado a minha adolescência aqui, o meu

desenvolvimento foi aqui, mas, eu quero sempre ter a representação carioca em mim, pra mostrar que eu sou de fora (risos).”.

A grande maioria dos informantes se identifica como carioca e há, de modo geral, um forte desejo de manter intacta essa identidade. Manter a identidade de origem é algo considerado por muitos como algo importante, e, entre esses informantes, podemos ver isso nitidamente na fala do Informante 15, em resposta à seguinte pergunta:

**E – O que você acha do seu sotaque?**

**I15** – “Olha, opinião valorativa não. O que eu posso dizer é uma opinião sentimental. Eu faço questão de manter o sotaque e acho que as pessoas deveriam se esforçar sobre isso, porque o sotaque é meio que uma identidade sua, né? Então eu gosto de ser carioca. E gosto no sentido não barrista, mas assim, minhas lembranças tão lá... meus amigos, minha formação tá toda lá, e por uma questão de raízes eu gosto de preservar isso. Então eu faço meio que um pouco de questão de me policiar pra não incorporar muita coisa do dialeto local, que embora, nada contra. Eu acho inclusive que se os nordestinos forem morar no Rio, têm que fazer a mesma coisa que eu faço, manter o sotaque a todo custo.”.

O Informante 15 teve um índice de acomodação de apenas 3.3%, sendo este o segundo menor índice entre os informantes da pesquisa, mesmo tendo 8 anos de tempo de exposição ao dialeto pessoense. Sua resposta para essa pergunta revela um pouco sobre como ele pensa e se sente em relação ao seu sotaque de origem. Ele menciona, inclusive, que o sotaque faz parte de sua identidade, fator que parece ter exercido grande influência, atuando como inibidor da acomodação.

Tendo em mente todas as variáveis, a análise qualitativa realizada em nossa pesquisa revela como a identidade é um fator que muitas vezes parece sobrepor as demais variáveis em termos de influência no processo de acomodação.

## **4. AS ATITUDES LINGUÍSTICAS NO PROCESSO DE ACOMODAÇÃO**

Para Ayzén (1988, p. 4), “uma atitude é uma disposição para responder favoravelmente ou desfavoravelmente a um objeto, pessoa, instituição ou evento”. A atitude irá então mediar a resposta do indivíduo, e essa resposta sofrerá influência de diferentes fatores, grupos e normas sociais. Isso é explicado por Lasagabaster (2004, p. 399), quando argumenta que as pessoas tendem a “ajustar suas atitudes para se adequarem àqueles que são as predominantes nos grupos sociais a que se vinculam”.

Em seu trabalho, Kaufmann (2011) faz menção a uma divisão das atitudes em três diferentes componentes: cognitiva, afetiva e conativa. A componente

cognitiva remete às crenças (tudo aquilo que é considerado e entendido como verdadeiro e que julgamos e acreditamos saber); a componente afetiva é referente aos sentimentos pessoais (tudo aquilo que é tido como opinião positiva ou negativa para com indivíduos, objetos, situações, pensamentos, ideais); e a componente conativa remete ao comportamental, que, por sua vez, é a junção das crenças e das emoções (tidas nas duas componentes prévias) e sua transformação em predisposição e intenções. Dessa maneira, a componente conativa vincula-se ao que se pretende fazer ou dizer, influenciando sobre nossas ações e reações.

Com isso em mente, todavia, devemos nos atentar para o fato de que um comportamento específico nem sempre é o reflexo das atitudes do indivíduo. As atitudes que interessaram ao nosso estudo são, mais especificamente, as atitudes linguísticas, as quais foram observadas a partir da visão behaviorista.

Em algumas das perguntas realizadas, foram obtidas diversas respostas que demonstraram as atitudes favoráveis que muitos dos informantes têm com o falar carioca. Por meio da identificação das atitudes linguísticas, assim como das experiências vivenciadas pelos informantes, pudemos melhor compreender em que medida esses fatores influenciaram a acomodação linguística. Qualquer atitude positiva para com o dialeto carioca pode vir a ser um fator inibidor da acomodação, assim como as atitudes negativas para com o dialeto pessoense.

A fim de identificarmos e compreendermos a influência desses fatores identitários e atitudinais, vejamos a comparação entre as Informantes 1 e 2. As duas tiveram baixos índices de acomodação, com a Informante 2 acomodando mais, apesar de ter um tempo de exposição bem menor. As duas pertencem ao grupo de sexo feminino e estão na mesma faixa etária. As diferenças imediatamente óbvias entre elas são o tempo de exposição e a motivação da vinda a João Pessoa (A Informante 1 teve a vinda obrigatória e a Informante 2 teve a vinda espontânea).

**Tabela 1.6** – Informantes 1 e 2

<b>Informante</b>	<b>Sexo</b>	<b>Idade</b>	<b>Tempo de exposição</b>	<b>Percentual de acomodação</b>
<b>1</b>	F	21	15 anos	3.6%
<b>2</b>	F	22	4 anos	9.4%

Fonte: elaborada pelo autor.

Ambas as informantes dizem gostar de suas próprias maneiras de falar e consideram ter o sotaque carioca. Se comparada à Informante 2, no entanto, a Informante 1 mantém mais contato com pessoas de sua família (do Rio de Janeiro).

Já no que diz respeito às experiências vivenciadas pelas duas, a pergunta a seguir busca identificar algumas delas:

**E – Alguém já criticou, elogiou, riu ou comentou a respeito da sua forma de falar?**

**I1** – “Ah, tudo isso! Então no começo, [...] logo quando eu vim pra cá, eu era pequena... e a aceitação, assim, no colégio, foi péssima. Porque ninguém queria ser meu amigo. Porque eu era de fora e aí, tipo, tinha uma rejeição grande. Até mudei de colégio por causa disso. Fui pra outro colégio, aconteceu a mesma coisa. E ninguém gostava, você tinha poucos amigos porque ‘Ah, era a menina que não é daqui’, ‘que não fala igual a gente’, ‘que fala estranho’. E passei por isso muito tempo, só que aí me acostumei. Não liguei e também não ia mudar... forçar uma coisa por causa das pessoas. Mas assim, quando cheguei na universidade foi bem melhor. [...]. Porque assim, pelo menos a minha turma, a maioria não é daqui. É de Pernambuco, é de Fortaleza. É bem diferente, então não tinha esse negócio assim.”

**I2** – “Criticar não, mas as pessoas brincam... levam muito na brincadeira às vezes é... o meu sotaque assim... fazendo gírias e tal [...]”

Nota-se que a Informante 1 não recebeu muita aceitação na escola, quando se mudou para João Pessoa. Isso poderia ter feito com que ela se sentisse pressionada a adaptar sua forma de falar, mas ela afirma que não tinha intenções de mudar e “forçar uma coisa por causa das pessoas”. Apesar de não sabermos os exatos motivos, ela resistiu à pressão de mudar, considerando desnecessário fazê-lo apenas para agradar os colegas ou se encaixar. Assim, isso pode ter sido um fator inibidor da acomodação.

Para a pergunta a seguir, temos uma resposta bastante interessante dada pela Informante 2:

**E – Você acha que as pessoas são julgadas pela maneira que falam?**

**I2** – “Sim, principalmente pelo sotaque [...]. Eu acho que tem muito preconceito sim, ainda. Principalmente contra o nordestino, porque é um sotaque bem original, bem diferente de tudo que existe [...] justamente por ser tão diferente, as pessoas acham que é estranho, que é feio, que tá fora do padrão, enfim. Não existe um padrão.”

A resposta para essa pergunta se volta especialmente para o sotaque, e ela reconhece que o sotaque nordestino não carrega muito prestígio, sofrendo preconceito em diferentes regiões. Ela não se posiciona, porém, contra ou a favor de nenhum sotaque, comentando que “não existe um padrão”. Nesse sentido, ela não demonstra atitudes negativas para com o sotaque nordestino, podendo isso ter favorecido sua acomodação linguística.

Vejamos o que elas falam sobre suas próprias falas e possíveis futuras mudanças:

**E – Você gostaria de falar igual aos paraibanos? Por quê?**

**I1** – “Não... Eu acredito que traz muito da sua identidade, também, isso. [...]. Acho bonito, acho interessante o sotaque daqui, algumas coisas são bem diferentes, mas não...”

**I2** – “Eu não veria problema nisso não. ”

**E – Você acredita que com o passar dos anos estará falando como paraibanos?**

**I1** – “Não. ”

**I2** – “Sim. As expressões, gírias. Com certeza. ”

Apesar de não acreditar que com o passar dos anos passará a falar como os paraibanos, a Informante 1 acredita que sua fala já mudou e seus pais percebem as mudanças, o que é um pouco contraditório, mas talvez isso se explique pelo fato de ela não demonstrar desejo de mudar sua fala. Isso certamente é um fator inibidor, ligado à identidade e às atitudes dela. A Informante 2, por sua vez, não demonstra resistência a acomodar ao dialeto paraibano e diz já ter se acostumado com ele, apesar de inicialmente sentir dificuldade com a velocidade de fala do paraibano.

Alguns dos resultados mais interessantes de nossa pesquisa foram obtidos a partir do contraste entre as respostas de informantes, especialmente daqueles que parecem fugir do esperado, se nos baseássemos exclusivamente nas variáveis quantitativas. Para concluir este capítulo, portanto, passemos a discutir brevemente sobre a importância do olhar do pesquisador

## **5. A IMPORTÂNCIA DO OLHAR DO PESQUISADOR NA PESQUISA**

Inicialmente, ao observarmos os dados quantitativos a partir das variáveis controladas, podemos ter uma imagem de como esses fatores influenciam o processo de acomodação linguística. No entanto, esta é apenas uma fração da imagem completa, sendo necessária uma análise mais próxima e cuidadosa para uma compreensão mais ampla e verdadeira.

Nesse sentido, o papel da pesquisadora ou do pesquisador da sociolinguística é estar atento ao que não é imediatamente óbvio; é se atentar para as entrelinhas das falas dos informantes e ao que vai além dos dados exclusivamente numéricos. Em nossa pesquisa, muitas das conclusões partem, naturalmente, desses dados de natureza quantitativa, mas é importante ressaltar a significância que tiveram as informações de caráter mais individual de cada informante, que foram obtidas com as entrevistas.

Um excelente exemplo disso pode ser observado na comparação entre os Informantes 9 e 11, da mesma pesquisa. Tal comparação nos dá a chance de

compreender os motivos da disparidade entre os índices de acomodação deles, uma vez que eles são irmãos e têm o mesmo histórico sócio-geográfico. Ambos: a) têm o mesmo tempo de exposição de 7 anos; b) pertencem ao mesmo grupo de faixa etária, tendo 18 e 22 anos, respectivamente; c) são do mesmo sexo (masculino); d) têm o pai natural do Rio de Janeiro e a mãe natural da Paraíba; e) tiveram o mesmo motivo de transferência para João Pessoa, que foi relatado como sendo questões familiares, ou seja, foi considerado como vinda obrigatória (não espontânea).

**Tabela 1.7** – Informantes 9 e 11

<b>Informante</b>	<b>Sexo</b>	<b>Idade</b>	<b>Tempo de exposição</b>	<b>Percentual de acomodação</b>
<b>9</b>	M	18	7 anos	14.1%
<b>11</b>	M	22	7 anos	32.8%

Fonte: elaborada pelo autor.

Apesar de se encontrarem em um mesmo contexto, os dois têm índices de acomodação bastante distintos, tendo o Informante 9 um índice de 14.1% e o Informante 11 um índice de 32.8%. Ambos relataram não ter muito contato com familiares ou amigos do Rio de Janeiro, no que trata da conversa falada, seja ela pessoalmente ou via telefone. Porém, há uma diferença entre eles em relação ao contato e à experiência individual com a Paraíba. O Informante 11 relatou ter vindo para a Paraíba previamente, por um período de dois anos, durante sua infância, com cerca de 6 anos de idade. Além disso, é possível que suas experiências pessoais no estado tenham sido diferentes e tenham exercido influência nas atitudes de cada um.

Havendo poucas diferenças entre os dois informantes acerca de seus históricos sócio-geográficos, tornou-se interessante voltar a atenção a suas atitudes linguísticas. De fato, como veremos adiante, o conjunto de atitudes e sentimentos deles para com o dialeto pessoense e o carioca foi um dos maiores diferenciais entre os dois, exercendo diferentes e fortes influências no processo de acomodação linguística. Ao acessarmos essas atitudes, torna-se possível levantar e corroborar hipóteses sobre as ocorrências da acomodação e da velocidade do processo.

Influenciadas por estereótipos e preconceitos, são essas atitudes que fazem com que pessoas julguem ou sejam julgadas pelo seu sotaque e seu modo de falar, e a partir das respostas dadas pelos informantes para as diferentes perguntas realizadas, fica clara a relação entre elas e o processo de acomodação. Temos, a seguir, trechos da entrevista em que foram feitas perguntas relacionadas às atitudes linguísticas dos entrevistados:



**E – O que você acha da sua forma de falar?**

**I9** – “Eu tenho reparado que o meu sotaque não é mais carioca. É um carioca bem estranho. É quase forçado. No início, quando a gente tava vindo aqui, a gente tava vendo as transições, né? De uma língua pra outra. Aí eu não me permitia mudar o meu sotaque.”

**I11** – “Eu vivi lá e cá, então eu conheço os dois. Me sinto de lá... muito mais de lá do que de cá. Mas como eu já passei sete anos aqui, então eu acho que eu perdi muito o que eu tenho de lá. Mas assim, quando eu falo, principalmente nos primeiros anos que eu vim morar aqui... muita gente falava que eu falava assim, ‘mas okay e tal hmm hmm’, imita né, quando imita o carioca faz ‘nhée’, nunca tive problema nenhum, claro, é meu sotaque. Mas hoje eu consigo ouvir um carioca, eu consigo perceber quando ele tá falando carioquês.”

Fica evidente que o Informante 9, ao se policiar, não apenas não procurava acomodar sua fala como de fato evitava ao máximo a acomodação ao dialeto pessoense. O Informante 11, por sua vez, apesar de evidenciar com sua resposta que se identifica mais com o dialeto carioca, não demonstrou nenhuma resistência em acomodar ao dialeto pessoense.

**E – Há algo específico de que você gosta/não gosta na sua forma de falar?**

**I9** – “O lance do ‘tchi’ ([tʃi])... eu sou apaixonado pelo ‘tchi’ [...] é bonitinho.”

**I11** – “Eu não gosto, é, do chiado... é. Eu aprendi a não gostar. Não exageradamente. [...]. Quando eu chio demais [...] eu tento amenizar isso aqui, eu tô tentando tirar, eu tento me policiar pra tirar. Agora o que eu gosto é também um pouquinho do chiado [...] não gosto do ‘[tʃi]’ do ‘sss’ ([s]). Eu não gosto nem [de] um [nem] do outro, sabe? Eu gosto de ficar no meio.”

Dessa vez, podemos notar uma diferença entre os dois no que diz respeito a suas opiniões acerca de suas próprias formas de falar. O Informante 9 demonstra gostar de um traço de sua fala quando menciona o “tchi”. Já o Informante 11 diz não gostar do “chiado” em sua fala, a ponto de se policiar para não o produzir; porém, ele logo se contradiz ao dizer que esse “chiado” também é algo de que ele gosta, levando-nos a entender que, por mais que ele evite produzi-lo, este ainda é um traço que faz parte de sua identidade e carrega certo valor para ele. Em seguida, ele diz que não gosta nem de um dialeto nem de outro, preferindo deixar seu sotaque em um ponto intermediário entre os dois.

**E – Você já mudou sua forma de falar para adaptar-se ao seu entorno?**

**I9** – “Não pelos outros... eu acho que eu não me permiti mudar por mim mesmo, porque eu gosto do meu sotaque, me agrado com ele, então não sentia a necessidade de mudar e nem queria mudar.”

Fica claro que o Informante 9 gosta e se orgulha do dialeto carioca e de sua forma de falar, tendo uma atitude positiva para com esse dialeto. Porém, o mesmo não ocorre para com o dialeto pessoense, provavelmente por ter-se o dialeto carioca como sendo de maior prestígio. Podemos identificar exatamente isso no tratamento recebido pelo Informante 11 ao chegar ao estado:

**E – Você acha que as pessoas são julgadas pela maneira que falam?**

**II1** – “Quando eu cheguei aqui muita gente [...] olhava pra minha família com um jeito como se a gente fosse melhor do que eles. Não sei por que. Como se exaltassem. É do mesmo jeito quando um estrangeiro chega no Brasil. [...]”

Ele relata que, ao chegar a João Pessoa, o tratamento que recebeu foi como o de admiração que comumente observamos acontecer com estrangeiros que vêm visitar o País. Isso claramente demonstra o prestígio que o dialeto carioca carrega, o que cria uma barreira para a acomodação ao dialeto pessoense. Em seguida, temos a seguinte pergunta:

**E – Você acha alguns dialetos/falares mais bonitos, melhores ou mais fáceis de entender? Quais?**

**I9** – “Bom, eu acho que o nordestino é, visando para quem tá vindo de fora... eu acho que o nordestino é o mais fácil de se entender, porque ele não arrasta muito. Apesar de ser uma [t]ia, essas coisas, é uma linguagem bem mais falada... se a gente reparar, se encaixa muito bem. Mas, de preferência, eu gosto do meu sotaque, eu gosto do paulista, eu gosto do Rio Grande do Sul, e Pernambuco. Pernambuco é legalzinho, é um nordestino carioca (risos).”

Mais uma vez podemos notar que o Informante 9 gosta bastante de seu sotaque carioca. Ele demonstrou não se sentir confortável com algumas características do dialeto pessoense, como o [t] em “tia”, mas acredita que este seja de fácil compreensão para visitantes estrangeiros. Também são mencionados os sotaques com os quais ele mais se identifica e gosta, estando entre eles, e talvez como principal, o carioca, enquanto o dialeto pessoense não está presente em sua lista. Vejamos agora a resposta do Informante 11 para essa mesma pergunta:

**II1** – “Ah tem. O paulista, mas o paulista que não tem aquele R retroflexo né... [...] Eu gosto mais do porta que treme a língua.”

O Informante 11, por sua vez, não chegou a mencionar nem o dialeto carioca nem o pessoense, mencionando apenas o paulista do qual ele gosta. Dessa maneira, podemos imaginar que para ele o dialeto carioca não possua a mesma significância tida pelo Informante 9 e, assim, podemos inferir que esse fato possa ser favorável para o processo de acomodação dele ao dialeto pessoense.

Quando indagados quanto ao interesse em retornar para a cidade natal, ambos responderam de forma semelhante:

**E – Tem interesse em voltar para sua cidade natal?**

**I9** – “Olha, eu tinha bastante... bastante mesmo, mas hoje em dia eu já me adaptei aqui... não que eu não conseguiria viver no Rio de Janeiro... conseguiria tranquilamente, mas... Eu gosto daqui e se eu for me mudar vai ser pra outra região, não necessariamente o Rio.”

**III** – “Só para passeio.”

Nenhum dos dois demonstra interesse em voltar a morar no Rio de Janeiro. Os dois demonstram estar satisfeitos em morar em João Pessoa, e, caso o Informante 9 resolvesse morar em outro local, este não seria o Rio de Janeiro, de acordo com sua resposta. O Informante 11 já pensou diversas vezes em voltar a morar no Rio de Janeiro, mas descartou a ideia devido, principalmente, ao fator violência, visto que para ele a cidade estava muito perigosa e violenta. Ao ser questionado se não achava João Pessoa uma cidade violenta também, respondeu que, apesar de achar que sim, considerava a cidade muito mais calma e que o perigo se concentrava, majoritariamente, em regiões específicas da cidade. Ambos também apresentaram respostas semelhantes para a pergunta a seguir:

**E – Considera as pessoas paraibanas receptivas/acolhedoras?**

**I9** – “Lá no Rio a gente vê pessoas mais... sociáveis. Não da forma grosseira... que eu queira dizer, mas literalmente, você pode ver que se você conversar com um carioca ele vai se abrir muito fácil com você, entendeu? Ele vai conversar com você. Mas se você fala... puxar essa conversa com um nordestino, você vai ver que ele vai se sentir ofendido e tá achando que você tá tentando se intrometer na vida dele... entendeu? Ele é mais resguardado.”

**III** – “Os pessoenses, eles não são receptivos como são o pessoal do sertão, né, do brejo. O pessoal do interior da Paraíba é muito mais acolhedor do que o pessoal de João Pessoa. Um dos fatores que a minha família pensou em voltar pro Rio de Janeiro é justamente isso, em João Pessoa as pessoas são muito distantes.”

Para ambos, o fator da receptividade foi visto como negativo, o que provavelmente foi um fator que os distanciou do novo dialeto.

Porém, voltemos para o que os diferencia, para que possamos, mais profundamente, entender o motivo da disparidade entre os índices de acomodação. Temos, a seguir, uma pergunta que lida com a identificação e o gosto pessoal, específico de cada indivíduo:

**E – Você gostaria de falar igual aos paraibanos? Por quê?**

**19** – “Não, eu não gostaria. Inicialmente porque eu não acho bonito. Eu não quero ofender, mas (risos) tem uma coisa que é bonita e tem outra que não, né. Eu não acho bonito... é o primeiro fator de eu não querer ter mudado meu sotaque. Depois porque são minhas raízes [...] o Rio de Janeiro é minha origem, então eu gosto de guardar isso, entende? Apesar de eu ter passado a minha adolescência aqui, o meu desenvolvimento foi aqui, mas, eu quero sempre ter a representação carioca em mim, pra mostrar que eu sou de fora (risos).”

O Informante 9 deixa claro dois motivos pelos quais não deseja falar igual aos paraibanos. O primeiro deles o de que não considera bonito o falar paraibano, o que acaba por inibir sua acomodação. Em seguida completa dizendo que o Rio de Janeiro é sua origem e suas raízes, novamente fazendo com que ele não deseje mudanças em sua fala, uma vez que se orgulha de suas origens. Da mesma forma, a maioria dos informantes da pesquisa deseja preservar, de algum modo, suas raízes e o que consideram constituir parte de sua identidade.

**111** – “Foi como eu disse. Eu não gostaria de falar nem como um paraibano nem como um carioca.”

O Informante 11, por sua vez, novamente menciona seu desejo em permanecer com uma fala neutra ou intermediária entre os dois dialetos, afirmando não desejar assemelhar demais sua fala à paraibana ou à carioca. Com todas essas diferenças de atitude e identidade que podemos perceber a partir das diferentes respostas dadas pelos Informantes 9 e 11, fica evidente o quanto esses fatores influenciam no processo de acomodação dos dois.

Essa influência dos fatores de atitudes linguísticas e identidade se estende também para os demais informantes da pesquisa. Estes não são os únicos fatores influenciadores da acomodação linguística, mas certamente tiveram seu papel em acelerar e desacelerar o processo. Observar esses fatores requer um olhar mais próximo e mais atento por parte da pesquisadora ou do pesquisador, mas traz resultados valiosos.

Portanto, ambas as análises quantitativa e qualitativa foram indispensáveis para uma compreensão mais completa dos dados, especialmente ao observarmos os fatores de identidade e atitude dos informantes. A análise quantitativa possibilitou identificar estatisticamente os fatores que contribuem para a acomodação, enquanto a análise qualitativa possibilitou a interpretação dos dados subjetivos que contribuem para a acomodação ao novo dialeto ou para a preservação do dialeto de origem.

Com a análise quantitativa, foi possível afirmar a influência de fatores como o tempo de exposição. Os resultados, para essa variável, coincidem com o que afirmam Laver e Trudgill (1979) e Trudgill (1998), que ressaltam que o tempo de exposição é um fator que contribui de modo significativo para o processo de acomodação linguística. Os resultados obtidos correspondem a essa ideia de que, quanto maior o tempo de exposição, maior o índice de acomodação linguística.

No entanto, apenas em conjunto com a análise qualitativa, pudemos ter uma real compreensão dos fatores que motivaram ou inibiram a acomodação. Com base nos resultados obtidos, foi possível concluir que há indícios consistentes da influência das atitudes linguísticas no processo de acomodação linguística. O papel das atitudes, movidas pelas crenças dos informantes, foi mais forte do que muitas das variáveis linguísticas e extralinguísticas controladas. O sentimento de identificação com um determinado falar se mostrou relevante para o processo de acomodação linguística. Nesse sentido, estamos de acordo com Giles *et al.* (1982), que afirmavam que a atitude linguística é de suma importância para identificar a extensão, a percepção e o grau de aceitação da acomodação.

Com tantos fatores influenciadores, favorecendo ou inibindo a acomodação, o processo de convergência da não palatalização do /s/ em coda final foi diferente para cada um dos informantes. Alguns deles acomodaram bastante, enquanto outros mostraram mais resistência. Porém, a média geral de acomodação de 24.8% foi considerada alta, pois superou as expectativas, uma vez que o dialeto carioca carrega maior prestígio social do que o dialeto pessoense.

Em suma, a análise qualitativa dos trechos coletados durante as entrevistas com os participantes possibilitou interpretações bastante frutíferas dos fatores sociais, atitudinais, econômicos etc., os quais aparentam exercer influência no processo de acomodação ao falar de menor prestígio social (o dialeto pessoense). Alguns trechos, inclusive, revelam crenças e visões de mundo estigmatizadas em relação à Paraíba e a seu povo. Um exemplo disso ocorre quando a Informante 3 revela que “realmente algumas pessoas daqui são bem diferente do que eu pensava”. O adjetivo “diferente”, atribuído apenas a algumas pessoas, sugere uma imagem do paraibano como um retirante da seca, visão compartilhada pela maioria dos informantes antes de terem contato com a Paraíba. A manutenção do sotaque carioca se justifica em argumentos relacionados às raízes, às origens, em um discurso identitário, sobretudo. Todas essas informações que envolvem os estereótipos, a identidade de cada indivíduo, suas atitudes e muito mais podem nos ajudar a compreender os fatores que regem a acomodação linguística.

Para concluir, gostaríamos de incentivar as leitoras pesquisadoras e os leitores pesquisadores a explorarem diferentes formas de coleta de dados, a considerarem as mais diversas possibilidades, a fim de observar uma gama de fatores potencialmente influenciadores do fenômeno que será estudado. Além disso, é de suma importância se dispor a analisá-los em profundidade, a fim de capturar detalhes que não são evidentes logo de início, mas que podem ajudar a retratar uma melhor imagem das engrenagens que trabalham para a ocorrência de quaisquer fenômenos em estudo.

## 6. REFERÊNCIAS

- AYZEN, I. *Attitudes, Personality and Behavior*. London: Open University Press, 1988.
- CHACON, K. A. *Contato dialetal: análise do falar paulista em João Pessoa*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.
- GILES, H. Accent mobility: a model and some data. *Anthropological Linguistics*, v. 15, p. 87-105, 1973.
- GILES, H. Accommodation theory: some new directions. In: SILVA, S. (ed.). *Aspects of Linguistic Behavior*. York, England: York University Press, 1980. p. 105-136.
- GILES, H.; COUPLAND, N.; COUPLAND, J. (ed.). *Contexts of Accomodation: Developments in applied sociolinguistics*. Cambridge: Cambridge University Press. 1991.
- GILES, H.; RYAN, E. B.; SEBASTIAN, R. J. An integrative perspective for the study of attitudes toward language variation. In: GILES, H.; RYAN, E. B. (ed.). *Attitudes towards language variation: social and applied context*. London: Edward Arnold, 1982. cap. 1. p. 1-19.
- KAUFMANN, G. Atitudes na sociolingüística. In: MELLO, H.; ALTENHOFEN, C.; RASO, T. (org.). *Os contatos lingüísticos no Brasil*. Belo Horizonte: UFMG, 2011. p. 121-137.
- KERSWILL, P. *A Sociolinguistic Study of Rural Immigrants in Bergen*. Norway: Cambridge University, 1985.
- LABOV, W. *The social stratification of English in New York City*. Washington: Center of Applied Linguistics, 1966.

LABOV, W. [1972]. *Padrões Sociolinguísticos*. Trad.: Marcos Bagno, Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LASAGABASTER, D. Attitude. In: AMMON, U. et al. (ed.) *Sociolinguistics: An International Handbook of the Science of Language and Society*. 2. ed. Berlin/New York: De Gruyter, 2004. p. 399.

LAVER, J.; TRUDGILL, P. Phonetic and linguistic markers in speech. In: SCHERER, K.; GILES, H. (ed.). *Social markers in speech*. Cambridge: CUP, 1979. p. 1-32.

LIMA, I. de S. *Acomodação dialetal: Análise da fricativa coronal /S/ em posição de coda silábica por paraibanos residentes em Recife*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Pernambuco, João Pessoa, 2013.

MARQUES, S. M. O. *As vogais medias pretônicas em situação de contato dialetal*. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

MARTINS, M. de S. A palatalização de oclusivas dentais em contato dialetal. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

PAIVA, M. C. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (org.) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 33-42.

POSSATTI, L. *Acomodação dialetal de cariocas residentes em João Pessoa: uma análise sociolinguística*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. *Goldvarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows*. Toronto: University of Toronto, 2005.

TAGLIAMONTE, S. The sociolinguistic interview. In: TAGLIAMONTE, S. *Analysing Sociolinguistic Variation: Key Topics in Sociolinguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. p. 37-49.

TIMBERLAKE, A. Reanalysis and actualisation in syntactic change. In: LI, C. (cd.) *Mechanisms of Syntactic Change*. Austin: University of Texas, 1977.

TRUDGILL, P. *Dialects in Contact*. Oxford: Basil Blackwell, 1986.

TRUDGILL, P. Language contact and inherent variability: the absence of hypercorrection in East Anglian present-tense verb forms. In: TRUDGILL, P.; CHESHIRE, J. *The sociolinguistics reader: multilingualism and variation*. London: Published Arnold, 1998. p.103-111.

